

ONDE NASCEM AS IDEIAS? _ TRANSCRIÇÃO
EPISÓDIO JUÇARA MARÇAL

TC_00:27 - 02:26

JUÇARA:

Sou caboclo, eu sou de guerra. Fui o primeiro que cheguei aqui na Terra. Sou caboclo, eu sou de guerra. Fui o primeiro que cheguei aqui na Terra. Foi meu pai quem me mandou. Eu sou príncipe, ele é Reis, é meu senhor, ah. Foi meu pai quem me mandou. Eu sou príncipe, ele é Reis, é meu senhor, ah. Sou caboclo, eu sou de guerra. Fui o primeiro que cheguei aqui na Terra. Sou caboclo, eu sou de guerra. Fui o primeiro que cheguei aqui na Terra. Foi meu pai quem me mandou. Eu sou príncipe, ele é Reis, é meu senhor, ah. Foi meu pai quem me mandou. Eu sou príncipe, ele é Reis, é meu senhor, ah. Foi meu pai quem me mandou, eu sou príncipe, ele é Reis, é meu senhor.

TC_04:14 - 05:48

JUÇARA:

De onde nasce a voz? Ainda esses dias me perguntaram como comecei e tal, e acho que tem um pouco a ver essa pergunta. E na verdade, a sensação que eu tenho é que são vários começos, então várias descobertas dessa voz ou várias vozes vão nascendo, eu não sei muito bem como dizer.

Era um caminho quase sem pegadas. Onde tantas madrugadas. Folhas serenaram. Era uma estrada. Muitas curvas tortas. Quantas passagens e portas. Ali se ocultaram. Era uma linha, sem começo e fim. E as flores desse jardim. Meus avós plantaram. Era uma voz. Invento um sussurro. Relampo, trovão e murro. Luz que se lembraram. Uma palavra, quase sem sentido. Um tapa no pé do ouvido. Todos escutaram. Um grito mudo, perguntando aonde nossa lembrança se esconde. Meus avós gritaram.

TC_05:52 - 06:12

JUÇARA:

Bom, você lida com entranhas mesmo né, diafragma, a respiração, você depende disso pra conseguir sustentar uma nota. Se a sua garganta não tá legal, a voz não sai. Tem mil questões que são internas mesmo. Vulnerável, né? Seu instrumento é vulnerável.

TC_07:59 - 08:50

JUÇARA:

Mas não sei se é algo programado, no sentido de assim, bom, o que eu vou fazer agora para que a minha voz tenha. É meio o que surge como desafio e abraçar aquilo, mas não tem escolhas propriamente. Agora vou fazer um grupo vocal. Não é. Pintou aí, nossa! Que interessante, eu não sei o que vai dar mas vamos lá. Nunca tem uma intenção clara ou nem saber claramente se aquilo ali vai ser legal. É mais. Surge a oportunidade, a coisa do desafio sempre me instiga muito. Pô, um negócio que eu nunca fiz, sei lá se eu sei, mas vamos tentar. E aí isso acaba abrindo, se desdobrando em outras coisas, né.

TC_11:10 - 12:15

JUÇARA:

Tudo o que eu tinha aprendido, todas as descobertas viraram outra coisa ali com a Barca. Tanto do ponto de vista dessas descobertas da voz, do jeito de cantar, do jeito d'eu cantar como de repertório, do fazer musical mesmo. Entender que fazer música é um outro jeito. Quando você vê que isso acontece numa festa, numa cerimônia, como isso tá tudo muito integrado na vida. Aí, essa coisa de você ficar fechado, fazendo música, fazendo arranjos, escrevendo, não fazia mais sentido pra mim. Todas aquelas regras, todos aqueles padrões, aquelas maneiras de você colocar a voz meio que caíam por terra quando eu via a beleza pungente de uma voz que não usava nada daquilo. Nossa, pera lá. Era de uma integridade, de uma força. Nossa, cantar é outra coisa.

TC_13:15 - 15:10

JUÇARA:

Quando eu morava, ainda pequena, aqui no Rio, em Duque de Caxias, eu tinha uma tia avó, a vó Maria, que tinha um terreiro de umbanda, mas os meus pais, a gente até ia. Eu lembro de umas festas e tal, mas eu era bem pequena, antes dos cinco, acho que tinha cinco ou seis anos. E aí meus pais, minha mãe sobretudo super católica, outra formação. E aí vim pra São Paulo, então foi sempre uma formação religiosa pelo catolicismo, de fazer todas as etapas lá, de crisma, esse caminho de embranquecimento, a gente pode dizer. E aí faculdade, essa aproximação com as coisas da Barca. Aí eu lembro da gente ir numa festa de Jongo, que é uma festa tradicional, bem característica do sudeste. São dois tambores e a roda se forma e uma dança de casal, no meio, que vão se alternando e tal. E aí, eu lembro de quando eu cheguei mesmo de eu entrar na roda, de ver aquilo realmente acontecendo, me veio uma onda assim de emoção, de encantamento que eu perdi o fôlego e não parei de chorar nunca mais. De ser transportada pra outro lugar. Foi um negócio muito impactante. De eu reconhecer uma ancestralidade assim. Opa, eu sou disso aqui. De você, uma sensação de pertencimento muito forte. E aí, desde então as coisas, foi essa, foi pelo encantamento musical, isso que eu acho louco. Foi pela música que eu retomei a minha raiz africana. De entender como isso tá dentro de mim, como isso me move, como isso faz parte do meu corpo. Foi bem, bem louco, assim.

TC_15:15 - 16:42

JUÇARA:

A música me levou pra descobrir essa religião. E é claro, eu não me iniciei. Até porque eu acho que não seria justo pra religião uma filha de santo que não tá presente como eu acho que tem que ficar presente, sabe. Porque é meio uma missão, quando você entra num terreiro, e eu acho que eu não estaria presente o quanto me deixaria feliz estar, sabe. então, nunca me iniciei. Tem sempre essa proximidade, eu sempre preciso estar próxima de frequentar algum terreiro, participar de alguma festa e tal, mas sempre como alguém que tá próximo mas não é iniciado, sempre teve isso. Mas pra mim é o jeito que eu entendo o mundo. Eu entendo o mundo, a perspectiva do mundo passa por essa maneira de entender que é africana, que é a força da natureza como isso, os orixás são forças da natureza. Oxossi tá comigo, Iansã que também tá presente, ela tá comigo, o tempo todo. E os outros, as forças que eles movem. Exu, Exu é muito importante pra mim. Eu entendo o mundo nessa dinâmica do Exu, que ele desencadeia, o gatilho que ele é, nossa, é muito.

TC_16:48 - 17:15

JUÇARA:

Meu primeiro disco chama Padê, que é a cerimônia pra Exu. O meu primeiro disco, que foi a parceria com o Kiko, que o Kiko, o Kiko é aquele parceiro também que é viração, que é pedra fundamental de descoberta de voz, de descoberta musical, não me entenderia como Juçara Marçal se não tivesse o Kiko de noite. Muito importante.

TC_17:35 -

JUÇARA:

Ele fazia coisas autorais que tinha uma referência de Candomblé, que era muito potente. Podia ser uma cantiga cantada em qualquer terreiro, de tão dentro da linguagem. Nossa, esse cara é incrível.

TC_18:01 - 18:36

MÚSICO:

A Juçara, ela não é uma cantora, assim. Cantora, a gente tem muita cantora no Brasil, muita mesmo. Cada dia aparece uma cantora e muita gente cantando igual. Muita gente assim, com a mesma linhagem, com os mesmos desejos. E eu sempre sentia que a Juçara saía desse. Ela botou o som em primeiro lugar então eu considero ela uma, um músico, assim.

TC_18:46 - 19:25

JUÇARA:

Em princípio, você acha que Metá Metá é o orixá meio a meio. Você fala isso de Logunedé, que é metade homem, metade mulher. Mas Metá Metá, na verdade é síntese de três em um. Então, na verdade Logunedé é Metá Metá, porque ele é a mãe, é o pai e é ele ao mesmo tempo. Então, isso é que dá a ideia. Pro iorubá, é o jeito de conceder esse significado é assim, Metá é três, mas Metá Metá não é seis, não é metade. Metá Metá é a síntese de três num elemento só.

TC_19:27 -

JUÇARA:

Me diz de onde é que vem a sina de correr pra onde quer que eu vá, vou ao redor de mim. Quem dera desfilar, no peito um ...

TC_19:44 - 21:00

MÚSICO:

A parceria com os dois me possibilitou me abrir muito espaço pra isso. Eu sempre fui muito ligado a canção, eu sempre gostei muito e eu sempre imaginei muito o saxofone caminhando junto com a voz, e todas as possibilidades que isso tem, de você criar um amálgama entre os dois. De você, em muitos momentos, trabalhar com a melodia, meio que calçando a voz. Então, aí tem um lance que eu acho que é muito, tem uma generosidade no canto de permitir, de topa isso, um desapego. Eu acho que no Metá, nós três temos uma coisa de desconstrução da função clássica do instrumento dentro da banda, inclusive, a Ju. A única cantora que eu trabalhei que tem esse desapego de topa o que der e vier. De tipo, vai ter um cara aqui azucrinando e fazendo a mesma coisa que você. E ela falando: massa.

TC_21:00 - 21:09

JUÇARA:

Olho trincado de dor, peito crispado sem ar, esse trovão vai nos ensurdecer.

TC_21:52 - 22:18

JUÇARA:

Eu lembro da gente tocando Atotô, e as coisas que ele fez no sax era completamente diferente, não era aquele cara que saia solando, mas ele propoz um negócio ali que era o Atotô, que era o Obaluaiê presente, porque ele também era do Axé, ele também. Pra ele é muito de dentro trazer alguma coisa dessa referência. Então foi assim, afinidade absoluta de cara, e aí não parou mais.

TC_22:18 - 22:58

Rapaz da banda:

Então tem muita coisa que o Metá Metá fez que não foi assim, ah vamos fazer um negócio sobre Orixás. Não, a gente foi lá, jogou, viu se podia, não foi uma coisa assim que a gente foi se metendo, sabe, que não era do nosso universo. A gente era desse universo e pediu muita licença, a gente fez muito Ebó pra poder falar das coisas e saber que caminho levar. Então a gente nunca diferenciou muito essa vivência religiosa. Quando esse tema aparece no Metá Metá é de uma maneira muito espontânea.

TC_22:58 - 23:24

JUÇARA:

A nossa música do Metá Metá não quer ser uma música de religião, a religião tá ali por causa disso, porque faz parte da nossa vida, mas a gente não tem a pretensão de fazer algo do Candomblé, o Candomblé tá ali porque é a gente também, mas tem um monte de outras referências. Então, quando alguém vai dançar, a gente nunca espera que a pessoa dance um passo de Orixá.

TC_24:32 - 24:42

JUÇARA:

A Ganga é uma outra, outro mergulho no universo, é bem louco, onde leva, né?

TC_24:46 - 25:52

JUÇARA:

Grande anganga muquiche.

Sua gunga não bambeia.

Grande anganga muquiche.

Sua gunga não bambeia.

Unganda, berê, berê!

Ah! vai te guardar, vai te proteger

Na sombra do jatobá

Grande anganga muquiche.

Sua gunga não bambeia.

Grande anganga muquiche.

Sua gunga não bambeia.

Unganda, berê, berê!

Ah! vai te guardar, vai te proteger

Na sombra do jatobá

Unganda, berê, berê!
Ah! vai te guardar, vai te proteger
Na sombra do jatobá

Grande anganga muquiche.
Sua gunga não bambeia.
Unganda, berê, berê!
Ah! vai te guardar, vai te proteger
Na sombra do jatobá
Unganda, berê, berê!
Ah! vai te guardar, vai te proteger
Na sombra do jatobá

TC_ 26:45 : 27:17

JUÇARA:

Cadu é um cara aqui do Rio muito nessa linha do noise, de criar ambiências, né? Usando os materiais mais malucos, assim, ele tem umas traquitanas que você não entende como é que ele tira som daquilo, sabe? Um violino quebrado que aí ele faz uns barulhos lá, fita cassete, é um monte né? Ele usa esse universo aí sonoro e vai criando esses arranjos de noise, né, de experimentação.

TC_ 27:25 - 28:19

JUÇARA:

Eu tenho sempre essa preocupação de conseguir achar alguma coisa pra cantar naquele mergulho que eu fiz que faça sentido naquele som. Então, aí eu sugeri os Cantos do Trabalho, os Cantos de Escravos, que é esse disco de 82 que a Clementina, Geraldo Filme, né... São cantos que foram recolhidos lá no início do século e eles têm essa coisa de ser essa pedra na memória, aí poderosa assim, que onde você vá com ela você está seguro, né? E aí eu achei que tinha a ver de colocar isso aqui que é um negócio completamente do passado numa linguagem que, sei lá, arremessa esse troço pro futuro de alguma forma, assim, né? Abre um túnel, eu acho. Um pouco isso.

TC_ 28:35 - 29:15

JUÇARA:

A voz como berra. Quando ela chega nesse limite aí ... E aí no Metá Metá eu já tinha descoberto que não é um berro só, são vários, né? É um mundo de berros. E aí o Anganga me deu essa outra abertura aí, de experimentar esses berros em muito, muitas alturas, muitas gramaturas, muita mudança de timbre, então... E o pedal ajuda nisso. né? Se eu faço uma coisa com o pedal isso dá uma outra medida. Então essa brincadeira é sem fim, assim. Sem fim

TC_ 29:16 - 31:58

JUÇARA canta a música "IA CACUNDÊ IAUÊ."

TC_ 32:26 - 32:55

JUÇARA:

Ainda tem uma sobrinha de agudo, né? Pode colocar um tiquinho de grave aqui de repente. Melhorou?

TC_ 32:55 - 33:42

JUÇARA canta a música "OSANYIN."

TC_ 33:42 - 34:37

JUÇARA:

Mas no show, aí é o que eu falo, não tem que pensar em técnica, se a voz não tá funcionando... Aí é outra coisa. Você tá ali pra contar aquela história, digamos assim. Então não é o que o técnico fez lá que vai me tirar dessa concentração. Então talvez essa presença que você percebe é um pouco, é só isso assim, de estar ali muito atenta pra cantar e ouvir, ouvir os colegas. Tem muitas coisas acontecendo ao mesmo tempo que eu tenho que dar conta quando eu canto ali, né? De estar afinado, mil questões mas principalmente de estar cantando aquilo naquele momento. É uma cerimônia, né? Nesse sentido, quando você está numa festa de candomblé, baixou o Xangô e pronto, agora eu sou Xangô.

TC_ 34:49 - 35:23

JUÇARA:

Né? A voz tem essa função específica na canção que é de quem vai contar a história mas é uma função como outra, né? Então, ela não pode estar descolada do outro senão ela não vai fazer sentido. Pra mim isso é muito claro, assim. E essas outras possibilidades da voz dentro da canção, né? Não de fazer vocalizes.. mas de de repente um ruído dá conta de um monte coisa que a palavra não deu.

TC_ 35:29 - 36:19

JUÇARA:

Cada uma das descobertas me ajuda, isso que eu falei, de ajudar a me entender melhor e isso também me ajuda a me libertar. Uma coisa era a minha voz no Vespe que tinha todo um jeito de ser colocada e descobri que eu posso colocar a voz num outro lugar, né? E de novo num outro lugar, quando eu descobri a possibilidade do berro. É um sem-fim de impulsos pro risco mas também pra liberdade. Acho que as coisas vêm meio juntas, assim. É sempre um risco e às vezes dá tudo errado, né? Às vezes dá errado. Não sei o berro, a voz desafina, dá tudo errado mas estou disposta ao risco pra achar esse lugar aí. A busca é mais interessante do que o resultado. Acho que é um pouco isso.

FIM